

Delatores e Infiltrações

Jarbas Silva Marques

No necrológico do cantor Wilson Simonal, na imprensa brasileira, apenas o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo não deram a versão apresentada por Nelson Motta no livro "Noites Tropicais", de que Simonal, "confiando em sua popularidade e em sua malandragem, chamou um amigo policial para dar aperto no contador e saber onde tinha ido parar o dinheiro".

Nelson Motta, posteriormente, em entrevista a Boris Kasoy, no "Passando a Limpo", achou mais que natural o "arrocho" que Wilson Simonal deu no seu contador Rafael Viviani, ou seja, se você tem um inimigo e amigos na polícia política, nada mais natural do que pedir aos "seus amigos" que seqüestre o seu inimigo, torture-o, em qualquer enchovia, e faça com que ele assine cheques, promissórias e declarações de que o roubou.

Wilson Simonal tentou se reabilitar como informante da Ditadura Civil e Militar de 1964 e chegou a conseguir do atual Ministro da Justiça uma declaração de que não consta nos assentamentos governamentais alusão à sua condição de informante policial.

A declaração do Ministro José Gregori peca por uma grande omissão, pois ela desconhece a sentença da 23ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, que em 11 de novembro de 1974, proferida pelo Juiz Menna Barreto, condenou Wilson Simonal e os policiais civis Hugo Corrêa de Mattos e Sérgio Andrade a "cinco anos e quatro meses de reclusão e multa de CR\$ 15,00 (quinze cruzeiros), com internação em colônia agrícola pelo prazo de um ano."

Nos autos dessa sentença, originária do Processo nº 3.450, um Tenente Coronel, que era Relações Públicas do I Exército e testemunha de defesa de Wilson Simonal, afirmou que ele era colaborador daquela unidade militar. O Inspetor do DOPS-GB, Mário Borges, notório torturador de presos comuns e de políticos e que figura na lista de torturadores do "Brasil Nunca Mais", também afirmou no processo que Wilson Simonal de Castro era informante do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS da Guanabara. Essas informações deram-se no auge da repressão e das matanças no Brasil. Portanto, não são invenções da esquerda democrática ou comunista.

Uma semana depois da sua morte, a viúva de Wilson Simonal afirmou à imprensa que "irá requerer anistia ao governo". Que anistia será a que a viúva irá requerer? A de que ele foi desamparado pela Ditadura Civil e Militar de 1964? Ora, se a família quer que o Governo Federal o enquadre na "Anistia Indenizatória", ela só pode fazê-la admitindo que ele era "informante policial" e como funcionário do Estado, este o desamparou. A contradição está manifesta: por um lado dizem que ele não era informante – apesar das provas e da sentença judicial –, por outro, querem indenização do Estado pela repulsa que mereceu da sociedade brasileira.

Faltam, muitas coisas no necrológico de Wilson Simonal e muito mais o descritório e a irresponsabilidade editorial da imprensa brasileira.

Wilson Simonal não foi o único informante e colaborador da Ditadura de 1964, no meio artístico brasileiro. O primeiro e o mais nefasto foi o radialista César de Alencar, que liderou, à frente de militares e para-militares, a invasão às dependências da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e provocou a demissão de Paulo Gracindo, Mário Lago, Jorge Goulart, Nora Ney, Jorge Veiga e uma centena de cantores, rádio-atores, músicos, radialistas e técnicos radiofônicos como comunistas e "filo-comunistas", como se dizia, à época, para se delatar pessoas que não eram ativistas políticos e ideológicos.

Na mesma semana em que morria Wilson Simonal, foram veiculadas na imprensa que José Anselmo, o Cabo Anselmo, iria requerer também a sua anistia ao Governo Fernando Henrique Cardoso e, ainda, a sua promoção a "Capitão", pelos serviços prestados à Ditadura Militar que resultaram em mais de duas centenas de mortes e desaparecimentos de presos políticos.

Wilson Simonal, como informante policial, e José Anselmo, como infiltração policial, são representantes adjetos da Ditadura Militar de 1964 e não devem ser esquecidos pela sociedade brasileira, como foram o General Carneiro da Fontoura, Américo Maciel Bonfim, Franz Paul Gruber, Felinto Muller, Menezes Cortes, Amaury Krueel, Cecyl Borer, Golbery do Couto e Silva, João Baptista Figueiredo, Sérgio Paranhos Fleury, David Hazan, Romeu Tuma, Jover Telles, o Agente Carlos do PCB e uma infinidade de quadros menores de delatores e informantes, que se infiltram em movimentos sociais e reivindicatórios, insuflando patriotismo, provocando radicalizações em pessoas e partidos políticos, para, depois, os levarem a prisões, torturas e mortes.

Nos últimos quarenta anos, todos os partidos políticos e organizações democráticas ou revolucionárias tiveram infiltrações policiais. Está na hora de os meios acadêmicos brasileiros levantarem, pelo menos, os "anjos da morte" do período republicano, que têm, às suas costas, os cadáveres de milhares de brasileiros que não figuram na história social e política do Brasil como vítimas de uma política de Estados totalitários, ou dos que se insinuam como democráticos.

ABJETOS